

O PERSONAGEM POR VIR: JOÃO CABRAL E SEU ADÃO PERNAMBUCANO

André Cechinel¹

“Este é o privilégio da atividade artística:
o que ela produz até mesmo um deus
deve muitas vezes ignorar.”

Maurice Blanchot

Resumo: Em entrevista concedida ao jornalista José Castello, publicada no suplemento “Cultura” do jornal *O Estado de S. Paulo*, João Cabral de Melo Neto confessa a vontade de escrever as memórias prévias de Jerônimo de Albuquerque, também conhecido como Adão Pernambucano. A idéia para o livro surgiu, como Cabral expõe, a partir da leitura do poema *The Waste Land*, de T. S. Eliot, mais especificamente a partir da passagem em que o vidente Tirésias aparece como uma espécie de espectador ambíguo que, apesar de antever o declínio da “terra desolada”, é incapaz de anunciar uma solução possível. Tal como Tirésias, Adão Pernambucano estaria preso em sua sabedoria inútil, pois mesmo prevendo as desgraças que assolariam Pernambuco ao longo da história, está impossibilitado de efetivar seu conhecimento de alguma maneira. Como sabemos, João Cabral nunca chegou a escrever tal livro. Ainda assim, acreditando na possibilidade de um “autor sem livro”, ou melhor, um “livro sem autor”, a presente investigação se propôs a pensar a figura de Jerônimo de Albuquerque em relação à oposição “rocha” e “rio” que marca, até certo ponto, a materialidade característica da poética cabralina.

Palavras-Chave: Eliot; Cabral; clarividência.

Abstract: In an interview with the journalist José Castello, published in *O Estado de S. Paulo* (cultural supplement), João Cabral de Melo Neto confesses his wish to write the previous memories of Jerônimo de Albuquerque, also known as Adão Pernambucano. The idea for the book came up, as Cabral says, after the reading of Eliot’s *The Waste Land*, more specifically the passage in which the seer Tiresias appears as some sort of ambiguous spectator who, despite his capacities for foreseeing the decline of the “waste land”, cannot suggest any possible solution. Just like Tiresias, Adão Pernambucano is trapped in his own useless knowledge, since even understanding all the disgrace that would happen to Pernambuco throughout its history, it is

¹ andrecechinel@yahoo.com.br, mestrando do Departamento de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

impossible for him to put into practice his very special abilities. As we know, João Cabral never wrote that book. Still, betting on the possibility of a “writer without book” or “book without writer”, this investigation intended to consider the character Jerônimo de Albuquerque in relation to the oppositive pair “rock” and “river” that, to a certain extent, marks the materiality peculiar to Cabral’s aesthetics.

Keywords: Eliot; Cabral; clairvoyance.

Para Blanchot, Joubert permanece um escritor próximo de nós justamente por admitir-se e admitir sua obra em silêncio. A afirmação merece, sem dúvida, uma explicação: a grande obra de Joubert não está condensada em um livro fechado, mas localiza-se sim em um outro espaço, sítio de fácil dispersão e que recusa a centralidade que costuma guiar o formato livresco tradicional. Em outras palavras, por nunca ter publicado um livro sequer, limitando-se sempre a misturar suas notas casualmente em *Carnês*, Joubert acaba por possibilitar uma abertura espaço-temporal, uma vez que lê-lo significa arrastar-se por territórios não somente desconhecidos, mas também (e talvez principalmente) arriscados. Cabe aqui ressaltar que, como afirma Blanchot (2005, p. 74), Joubert “não é absolutamente um homem paralisado pelos embaraços da expressão”, pois suas cartas, por exemplo, além de numerosas, denunciam sua aptidão para a escritura. Assim sendo, resta-nos, então, uma questão final, talvez já respondida por Blanchot, mas que aqui permanecerá em suspenso: é possível, pois, pensarmos em um escritor sem livros, ou ainda, em um escrito dispersivo e, ao mesmo tempo, silencioso?

Materializar uma impossibilidade: essa parece uma preocupação constante nos ensaios crítico-literários de Blanchot. Ao tratar de *Um Lance de Dados*, novamente em *O Livro Por Vir*, Blanchot comenta que Mallarmé, no célebre poema, também nos lança a uma concepção de livro completamente diferente da imagem que ainda nos assombra. A frase “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, segundo Blanchot, nos remete a tipo de paradoxo abordado no poema, já que, uma vez parcialmente captada e anunciada a operação do acaso, o poeta consegue, de certa maneira, em sua intervenção poética, paralisar momentaneamente – como se através de uma fotografia – a própria força do acaso. Ou seja, através de sua máquina literária, o poeta capta o movimento que o poema anuncia como inapreensível, isto é, sendo o acaso “precisamente

expresso, ele está submetido à lei exata da forma que lhe corresponde e à qual deve corresponder” (BLANCHOT, 2005, p. 343).

Essas questões foram aqui rapidamente levantadas porque esta investigação parte, por sua vez, de um certo paradoxo fundamental: como falar de um livro que João Cabral, o “poeta da matéria”, não chegou a escrever? Isso que pode ser entendido, à primeira vista, como um ato de traição à busca incessante de Cabral por um fazer poético que evitasse abstrações, trata-se, na realidade, de uma tentativa primeira de finalmente materializar, de algum modo, o projeto que o poeta de Pernambuco morreu sem iniciar. Entenda-se bem: já será proveitoso o bastante se, neste momento, conseguirmos tecer comentários iniciais sobre a provável representatividade que o livro “por vir” de João Cabral de Melo Neto sustentaria ao ser confrontado com o restante das obras às quais, de fato, temos acesso. De qualquer forma, antes de adentrarmos a questão, faz-se necessário, obviamente, falar mais sobre o momento em que Cabral revela-se interessado na composição desse livro que, infelizmente, acabou não sendo transposto para o papel.

Em entrevista ao jornalista José Castello, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (e que também faz parte da biografia que o próprio Castello escreveu sobre “o poeta sem alma”), João Cabral de Melo Neto afirma-se interessado na escritura de um livro sobre Jerônimo de Albuquerque, conhecido popularmente como Adão Pernambucano. A sugestão para tal livro lhe ocorreu, conforme declara, após a leitura do clássico *The Waste Land*, do poeta anglo-americano T. S. Eliot. Detalhadamente, Cabral fala que a passagem sobre o vidente Tirésias, um dos pontos mais fortes da terceira seção do poema de Eliot, foi fundamental para que ele se sentisse motivado a escrever versos que contassem igualmente com a participação direta de um profeta “inoperante”. Tirésias aparece em *The Waste Land* como personagem habilitado a destrinchar os episódios labirínticos que constituem essa “terra infértil”, mas que, ainda assim, é incapaz de transcender o espaço que tão bem conhece:

I Tiresias, old man with wrinkled dugs
Perceived the scene, and foretold the rest—
I too awaited the expected guest.

Com efeito, as aproximações entre João Cabral e T. S. Eliot vão muito além do desejo comum de situar videntes ineficazes em meio ao caos que impera, atingindo, a rigor, a própria obra crítica de ambos os poetas. T. S. Eliot ocupa-se, como é de conhecimento geral, de estabelecer vínculos entre sua poesia e os grandes poetas que compõem o cânone literário europeu – busca essa que, além de efetivar toda uma erudição academicista, questiona a crença romântica que entende a literatura como um agrupamento de sentimentos resultantes de um “eu” solipsista. No famoso ensaio sobre Dante, apenas para citar um exemplo, Eliot defende que o conhecimento histórico-biográfico acerca de um poeta torna-se sempre um obstáculo, pois a leitura da obra acaba sendo vinculada a dados que, a bem da verdade, deveriam ser deixados em segundo plano, afastando-se, logicamente, da sedução romântica e biografista antes predominante. Ainda nesse ensaio, Eliot (1989, p. 63) diz que “uma citação, uma anotação crítica, um ensaio entusiástico, podem todos muito bem representar o acidente que leva alguém a ler determinado autor; mas uma preparação cuidadosa dos dados históricos e biográficos sempre foi, para mim, uma barreira”.

Pode-se acrescentar, como um outro paralelo entre Cabral e Eliot, a vontade expressa de fazer da poesia um objeto que busca declaradamente fugir dos sentimentos. Aliás, nesse tentame de se desviar de emoções abstratas, os dois poetas recorrem a uma estética imagista, principalmente àquela debatida de nos ensaios de Ezra Pound. Nesse momento, passam a ser claras as pontes teóricas entre os três autores em questão. Assim como Eliot e Ezra Pound posicionam-se contrários ao par “emotion without much intelligence” (POUND, 1985, p. 421), João Cabral (1994, p. 769) argumenta, no ensaio intitulado *Da Função Moderna da Poesia*, que a poesia moderna está ligada à “captação da realidade objetiva moderna e dos estados de espírito do homem moderno”. Colocado de outra forma, com o intuito de privilegiar os jogos de linguagem, ou melhor, o imagismo poético, os três poetas abrem mão tanto de abstrações quanto de apelos emocionais não intelectualizados.

Estudadas rapidamente algumas das aproximações teóricas entre Cabral e Eliot, voltemos agora ao tema que aqui nos importa: Tirésias e Jerônimo de Albuquerque. Começemos pelo primeiro. Tirésias, de acordo com a mitologia grega, fora um famoso vidente cego em Tebas, responsável por averiguar a raiz dos males que repetidamente assolavam os tebanos. São duas as narrativas que reconstituem a origem dos seus poderes divinatórios. A primeira versão, menos

difundida, declara que Tirésias, em sua juventude, havia avistado Atenas nua banhando-se. Em sua fúria, a deusa o cega. Porém, abrandando-se, resolve provê-lo do dom da clarividência, como uma maneira de se desculpar pela ira inicial. A segunda narrativa, porém, relata a origem dos poderes proféticos do tebano de maneira relativamente diferente. Tirésias, em sua prova de caráter iniciático, transformou-se em mulher e depois recuperou sua forma masculina, ambas as transformações resultantes de uma interrupção feita no acasalamento de duas cobras. Futuramente, após falar que as mulheres tinham mais prazer no sexo, Hera o cega, e Zeus, por sua vez, resolve concedê-lo o dom da clarividência, como um agradecimento pelo favorecimento às habilidades sexuais masculinas, capazes de dar tanto prazer às mulheres.

Jerônimo de Albuquerque, o segundo vaticinador em questão, possui, é claro, algumas características que o trazem para mais próximo de Tirésias. Conhecido como Adão Pernambucano – apelido oriundo de sua vasta descendência, que chegou ao número aproximado de 22 filhos –, Jerônimo de Albuquerque passou a ser uma importante figura histórica durante o período colonial brasileiro não só por seu contato próximo com Duarte Coelho (primeiro donatário da capitania de Pernambuco), mas fundamentalmente por todas as contribuições por ele prestadas à próspera capitania brasileira. Segundo a biografia assinada por Castello (2006, p. 178), Cabral pensa em seu Adão Pernambucano como um homem muito velho, “tonto em sua sabedoria”. Curiosamente, segundo a historiografia acerca do período de colonização do território brasileiro, Jerônimo de Albuquerque havia sido ferido em luta contra os indígenas, levando uma flechada que ocasionou a perda de um dos olhos. Sua cegueira, aliás, foi motivo para que um segundo apelido lhe fosse dado – “O Torto”.

Temos, enfim, um “cego” que passa a ser emblema de (pre)visão no livro por vir de Cabral, ainda que seus dons resultem de todo inútil. Além disso, não podemos nos esquecer que Cabral deseja, em seu livro, adicionar idade a Jerônimo, transformando-o em um homem muito velho e experiente. Aqui as conexões entre Tirésias e o personagem de Cabral atingem seu paroxismo: o vidente tebano sofreu, conforme dito, um seccionamento físico que lhe permitiu agrupar experiências relacionadas a ambos os sexos, isso sem mencionar a cegueira que lhe garantiu ultrapassar as limitações do campo visual, uma vez que se tornou capaz de prenunciar o futuro de Tebas. Nesse sentido, tanto Tirésias quanto Jerônimo de Albuquerque representam, se analisados de perto, uma sorte de contra-senso físico, o que poderia ser chamado também de uma

aporia corporal ou então de uma constituição antitética. O que nos interessa é que, de fato, o projeto de Cabral (tal como o de Eliot) parte de um personagem ambíguo e conflituoso: cegueira parcial; senilidade profética porém ineficiente.

Pensando de modo geral na poética de Cabral, qual seria o possível interesse do poeta em escrever as “memórias prévias” (como nos diz na entrevista para Castello) de Jerônimo de Albuquerque, velho vaticinador e, no entanto, absolutamente ineficaz em se tratando de efetivar sua prática? Por que fazer desse cego visionário personagem de um futuro livro? Em resumo, a que força poderíamos atribuir o desejo de Cabral de sobrecarregar seu novo escrito com tantos campos opositivos? Quem sabe, para melhor compreendermos as questões agora lançadas, devêssemos nos ater rapidamente a um poema de Cabral em particular, que poderia ser, por exemplo, *O Rio*, datado de 1953. A escolha dessa obra pode ser facilmente justificada: desde a epígrafe do poema (“*Quiero que compongamos io e tú una prosa*” – Berceo) – , João Cabral deixa claro o desejo de estabelecer *O Rio* em um local fronteiro, já que anuncia, em sua partida, a dissolução (simbólica) das fronteiras entre poesia e prosa. A verdade é que, ao narrar o percurso do rio, o “poeta da matéria” faz de sua poesia um espaço de constantes interrupções e apropriações territoriais, sinalizando um conflito dialético.

O Rio narra, a rigor, uma viagem, isto é, trata-se da “relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife” – conforme anuncia o (sub)título do poema. Essa obra sintetiza, se quisermos, alguns dos principais elementos recorrentes que marcam a materialidade característica da obra cabralina, como, para exemplificar, as constantes trocas entre a fluidez do líquido e a dureza das rochas. Em outras palavras, o caminho do rio Capibaribe é extremamente acidentado, tendo como principal característica o próprio movimento de abandono e restituição dos componentes percebidos pelos versos ao curso da viagem. Em seu conturbado desejo de desaguar no mar, o rio atravessa inúmeros obstáculos, inclusive desaparecendo por completo em alguns momentos. Paralelamente ao fluxo do rio, os versos desenham um caminho de sede e areia, demonstrando o descompasso que acompanhará todo o trajeto:

Desde tudo que lembro,
lembro-me bem de que baixava
entre terras de sede

que das margens me vigiavam.

Como dito, o destino das águas é alcançar finalmente o mar, e, para lá chegar, o rio opta por acompanhar “o mar de cinza”, ou seja, a estrada que “à costa vai dar”. Porém, apesar de assegurar a chegada ao mar, a estrada que guiará o caminho do rio, como podemos imaginar, é extremamente conflituosa, pois não pára de dobrar em um momento sequer. E assim o rio vai seguindo seu percurso (pois é de um percurso que estamos falando), que, dentre outras marcas, fará com que deixe para trás sua vida inicial, sua “terra onde as coisas vivem / a natureza da pedra”. Rio e pedra: muito mais que um par inteiramente opositivo, é insígnia do processo de desterritorialização ao qual chama-se aqui a atenção. Resumidamente, a instabilidade da água abre também lugar para o surgimento de cortes e dobras, sinalizados pela aparição dos trens, das usinas, ou, em uma só palavra, de várias “rochas”:

No outro dia deixava
o Agreste, na Chã do Carpina.

Entrava por Paudalho,
terra já de cana e de usinas.

(...)

Como terras de cana,
são muito mais brandas e femeninas.

Foram terras de engenho,
agora são terras de usina.

A viagem do rio deixa, por fim, marcas indeléveis. Ao longo de sua jornada, o rio conhece povoados, montanhas, caieiras, viveiros, olarias, todos com seus respectivos nomes, pois tudo por lá tem sua denominação, exceto a gente que habita a região, esses “são gente apenas / sem um nome que os distinga”, sem uma identidade que os diferencie no momento da morte. Todas essas são “lições” que o rio apre(e)nde ao seguir lado a lado as estradas intervalares, as “cidades sem ruas” que o acompanham até seu destino maior: o mar, local da união final. Constituindo-se também do que avista em sua direção, o rio agrupa experiências o suficiente para

operar como sintoma/diagnóstico de um determinado percurso rumo à posição final, que, finalmente, encerraria a aridez que afligi suas “margens”. O rio torna-se, em suma, ponto de convergência de experiências diversas, que fazem com que ele, sábio, anuncie e denuncie tudo o que atravessou, tudo o que abraçou:

As vilas que passei
sempre abracei como amigo;
desta vila de lama
é que sou mais do que amigo:
sou o amante, que abraça
com corpo mais confundido;
sou o amante, com ela
leito de lama divido.

O final da jornada revela, contudo, um obstáculo que inviabiliza a realização plena dos conhecimentos adquiridos pelo rio: “para a gente que desce / é que nem sempre existe esse mar”. A perspicácia do rio, que, em sua jornada, supera e absorve em forma de sabedoria todos os obstáculos aparecidos, não pode ser transmitida diretamente à “gente que desce”, já que, para algumas pessoas, o mar sequer apresenta-se como opção. O trajeto reserva segredos que, em última instância, somente a própria viagem pode esclarecer, pois em vez de encontrar mar na cidade imaginada, o povo pode surpreender-se e encontrar, novamente, “um outro deserto”. O que nos resta, portanto, da longa viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife? Se o rio atesta a própria inevitabilidade do percurso, o que pode ser por último deixado? “Que conselho, que recado?” – essas parecem as perguntas fundamentais propostas pelos versos finais de *O Rio*, pois mesmo os sábios de muito viajar estão atados às forças do acaso que se oferecem:

Ao partir da companhia
desta gente dos alagados
que lhe posso deixar,

que conselho, que recado?
Somente a relação
de nosso comum retirar;
só esta relação
tecida em grosso tear.

Ora, não seriam esses os principais dramas vivenciados justamente pelos dois videntes que por ora nos interessam? Tirésias, o vidente tebano, encontra-se em meio a uma “terra desolada” e, apesar de prenunciar o destino da cidade moderna, não consegue nem mesmo poupar-se dos males por ele anteriormente avistados. Farto de experiências, Tirésias permanece encarcerado, entretanto, na própria rede de conflitos que tão bem desvenda. Jerônimo de Albuquerque, o Adão Pernambucano (ou, se preferirmos, “o Torto”), por sua vez, sofre de uma dor parecida com a do rio e de Tirésias, amarrado às dobras de sua sabedoria “tonta”. Jerônimo aparece(ria), no livro por vir de João Cabral de Melo Neto, possivelmente para nos fazer o relato de uma viagem, que, ainda assim, não nos pouparia das desventuras por ele já tão de perto vivenciadas. Utilizando uma simbologia bachelardiana (e talvez mais uma vez traindo João Cabral), poderíamos dizer que, de fato “um sonho de solidez e de resistência deve ser posto na categoria dos princípios da imaginação material” (BACHELARD, 2001, p. 153). Portanto, um relato de imaginação material, sonho de solidez.

É gente que me olha
desde o sertão do Jacará
gente que sempre me olha
como se, de tanto me olhar,
eu pudesse o milagre
de, num dia ainda por chegar,
levar todos comigo,
retirantes para o mar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 317p.

BLANCHOT, Maurice. *O Livro Por Vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 385p.

CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 269p.

ELIOT, T. S. *Ensaio* (Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira). São Paulo: Art, 1989. 256p.

_____. *Obra Completa, Vol. I – Poesia* (Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira). São Paulo: Arx, 2004. 567p.

MELO NETO, João, Cabral. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 837p.

POUND, Ezra. *Literary Essays of Ezra Pound*. 2. ed. London: Faber and Faber, 1954. 464p.